



PERSÉPOLIS DE MARJANE SATRAPI E AS RAZÕES DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Marcos Emílio Ekman Faber

Nas férias assisti ao filme francês *Persépolis* (*Persepolis*, França, 2007), longa metragem de animação baseado na *graphic novel* de mesmo nome de Marjane Satrapi. O filme, assim como a HQ, é narrado na primeira pessoa e conta de forma autobiográfica a história da autora, uma iraniana de classe média que presenciou a Revolução Iraniana de 1979 e todos os seus desfechos, especialmente a derrubada do Xá Reza Pahlevi, um ditador apoiado pelo Ocidente, e a fundação da República Islâmica do Irã, que, por sua vez, era anti-Ocidente.

Na trama Marjane descreve todos os problemas enfrentados pelos membros de sua família após a tomada de poder pelos fundamentalistas islâmicos, a autora narra especialmente a perseguição que alguns de seus parentes, membros do partido comunista, sofreram, sendo presos, torturados e mortos.

Apesar dos dramas familiares, Marjane, que em 1979 era uma criança, cresce como uma adolescente normal. Pensa em meninos, escuta música (inclusive *heavy metal*) e sonha com o futuro. Entretanto, o início da *Guerra Irã-Iraque* obriga seus pais a enviá-la para à Áustria.

Na Europa, Marjane conhece um novo mundo. Experimenta álcool, drogas, sexo e a desilusão. Após um período de descobertas, alegrias e frustrações, a jovem retorna ao Irã. Em sua terra natal não existe mais guerra. Mas o Estado islâmico controla tudo. As mulheres são obrigadas a usar um véu sobre a cabeça e roupas que cobrem o corpo todo, apenas as mãos e o rosto podem ficar descobertos.

Apesar dos homens terem mais liberdade, inclusive para se vestirem, muitas outras coisas são proibidas: bebidas alcóolicas, maquiagem, pornografia, manifestações públicas e a chamada literatura ocidentalizada são consideradas ilegais, quem for pego portando alguma dessas coisas é preso. Não existe liberdade de pensamento. As proibições ocorrem em nome da Religião. Tudo acontece em nome da fé.

Em meio a tudo isso, Marjane não consegue entender que tipo de fé é essa que impede que as pessoas pensem por si mesmas. Afinal, que direitos as autoridades políticas tem para definir o que é bom ou ruim para os indivíduos. Para piorar, a maioria dos membros do governo ou dos órgãos de controle sequer possuem instrução adequada para exercerem suas funções.

Contudo, a intolerância religiosa demonstrada no filme (e na HQ) não se refere apenas à religião ou a fé, mas aos costumes. As autoridades iranianas acreditavam, como talvez ainda acreditem, que é obrigação da religião, e do Estado, estabelecer o que deve ou não ser celebrado, o que deve ou não ser lembrado e assim por diante, independente do que acreditem ou pensem os indivíduos. **Para os seguidores dessa forma de pensar a fé não é uma escolha, mas uma imposição.**

Curiosamente, mesmo em nossos dias, algumas lideranças religiosas ainda pensam assim. Acreditam serem os donos da verdade e, que por esse motivo, todos devem lhes

ouvir e seguir. Se fossem eleitos para governar nosso país iriam impor sua crença e condenar todos os que pensassem diferente deles, igualmente ao caso dos iranianos. Pessoas assim não se preocupam com a liberdade de escolha dos outros, pois não acreditam em *livre arbítrio*.

Esse é o grande problema de uma fé irracional, ou seja, sem fundamentos, sem raízes. Uma fé que se baseia apenas em interpretações pessoais sobre o que é certo ou errado. Uma fé que não possui profundidade, que não segue a um ou mais livros sagrados, mas é baseado em “revelações” ou em interpretações que um “profeta” fez sobre fragmentos de um livro sagrado – isso quando o tal livro foi consultado, o que nem sempre acontece. É por isso que agem de forma tão mesquinha e autoritária, pois não sabem como lidar com as diferenças e muito menos com as críticas. Assim sendo, a oposição torna-se perigosa, pois pode desmascaram a ignorância dessas autoridades religiosas.

Por tudo isso, Marjane não se enquadrava mais na sociedade iraniana, pois já havia conhecido um mundo onde as fronteiras geográficas e ideológicas já haviam ultrapassado em muito as do Irã.

Ler ou assistir *Persépolis* é sem dúvida um exercício indispensável para conhecermos um pouco mais sobre o Irã, uma das nações mais *auto isoladas* do mundo, e também para refletirmos sobre nossa forma de ver e entender os outros, principalmente quando pensam diferentes de nós.

Mais textos disponíveis gratuitamente em

<http://www.historialivre.com/blogo>